

AJ17853



As últimas matas da Barra do Jucu

Por Mariza Cavalcanti

Quatro matas, somando aproximadamente 1,7 milhão de metros quadrados, foram destruídas na Barra do Jucu, em Vila Velha, nos últimos cinco anos. Primeiro, foram devastadas as de Tapuera Pequena, Tapuera Grande e Itapera, transformadas em fazenda ou campo de treinamento do Exército. Neste ano, a Imobiliária Itaparica, dona de mais de cinco milhões de metros quadrados, iniciou o desmatamento de Jacaranema, roçando o local e demarcando ruas. Para os moradores, esta região deve ser preservada com suas características de floresta tropical amazônica e fauna e flora típicas. Sexta-feira, eles passaram para o prefeito a responsabilidade do problema e pediram que, na floresta, seja criado um parque natural

Cerca de dois milhões de metros quadrados de mata já foram devastados. Juçará é um dos exemplos.



Moradores do bairro, como Honório de Oliveira Amorim e Alcides da Silva, temem alterações ecológicas profundas

Há mais de dois anos, os moradores da Barra do Jucu, bairro de Vila Velha, denunciaram a devastação de uma das florestas locais, a Juçará, com mais de 45 metros quadrados, pela Imobiliária Direção. Apesar dos pedidos insistentes da população a órgãos municipais e estaduais, foram abertas, na área, ruas que, com a falência da empresa, ficaram abandonadas.

O total desmatamento da floresta ficou por conta de motoristas de caminhões particulares, que ainda hoje munidos de equipamentos, como moto-serras, cortam as árvores existentes, retirando lenha para vendê-la a padarias, fábricas de tamanco e outros estabelecimentos.

Com a destruição de outras matas do local como Itapera, Tapuera Grande e Tapuera Pequena, que tinham uma extensão aproximada de 1,7 milhão de metros quadrados, pela Imobiliária Itaparica, a Barra do Jucu vem perdendo, nos últimos cinco anos, grande parte da sua rica fauna e flora naturais.

NOVO DESMATAMENTO

E pelo que parece, as perspectivas não são as melhores. A Imobiliária Itaparica, faz uma nova ameaça às matas que embora situadas no litoral, ainda preservam características de uma floresta tropical da Amazônia. Situada nas margens da Rodovia do Sol, a floresta Jacaranema, com cerca de 150 mil metros quadrados, corre o risco de ser extinta.

Na década de 50, ela foi desmatada para ser transformada em carvão vegetal e alimentar os grandes fornos da Companhia Vale do Rio Doce. Ela conseguiu agora, depois de três décadas, se recompor com o renascimento das mesmas espécies vegetais primitivas. Porém, no início do ano, a Imobiliária, que é proprietária de mais de cinco milhões de metros quadrados na Barra do Jucu, começou a roçar o local e demarcar as ruas.

Surgiram, então, rumores, em Vila Velha, de que a empresa pretendia construir dois mil apartamentos na área. O diretor da firma, Paulo Oliveira Santos, na época, garantiu que a região não seria devastada e informou que não havia sido feita qualquer programação de obras.

Sexta-feira, moradores e integrantes da Banda de Congo da Barra do Jucu se reuniram à noite na praça principal, da sede de Vila Velha, onde está instalada a Prefeitura Municipal, passando o problema para as mãos do prefeito Américo Bernardes. Num documento, eles pedem que a floresta seja preservada, transformada no primeiro parque público natural do litoral da Grande Vitória e doada à comunidade de Vila Velha como patrimônio público.

O prefeito por outro lado, tem declarado que está disposto a impedir que sejam feitas construções na região, sem antes ser definida a área necessária para manutenção da flora e fauna da floresta. Segundo o assistente da Delegacia do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Nilton Sarmento, o que pode ser feito pela Prefeitura é vetar, junto com o In-cra, os projetos de construção.

RIQUEZA NATURAL

A destruição das matas, na Barra do Jucu, está trazendo grandes complicações para a população do bairro. Muitos pescadores ou homens que vivem da caça perderam seu meio de subsistência e as alterações ecológicas provocadas estão prejudicando até mesmo o rio Jucu.

Grande parte dos moradores vive nesta região há vários anos, e, embora muitos deles tenham a floresta como meio de subsistência, conseguiram, por várias décadas, conviver com a natureza da melhor forma possível. Os fogões das residências, por exemplo sempre foram abastecidos com a madeira das matas. Porém, eles nunca se utilizaram das verdes e sim das já secas.

Os moradores mais antigos conhecem inúmeras espécies vegetais do local que são aplicadas na farmacopéia popular. A bióloga e professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Bárbara Wimberg, está desenvolvendo pesquisas na região e, com o auxílio da população, vem descobrindo até espécies que estão ameaçadas de extinção.

Honório de Oliveira Amorim, de 84 anos, chefe da Banda de Congo da Barra do Jucu e Alcides Gomes da Silva, agricultor, são uns dos que auxiliam o trabalho da bióloga. Segundo eles, a floresta poderia

representar um amplo espaço para pesquisas de estudantes e biólogos do Estado.

Trabalhando há um ano e meio no local, a bióloga Bárbara Weimberg prepara uma tese de mestrado e se surpreendeu com a fauna da região. Na semana passada, ela encontrou um cedro com 140 centímetros de circunferência.

"A gente não pode destruir os produtos nativos sem determinar o valor das espécies", apela Alcides Gomes da Silva. Nesta floresta, são encontradas plantas como o cipó milone, cuja flor é responsável pela fecundação de muitas outras espécies. Honório conta: "A mosca é presa dentro da flor e ao se soltar dela, fica cheia de pólen. Ao pousar em outras flores, a mosca as fecunda".

A raiz deste cipó é útil no tratamento de problemas de fígado, mordidas de cobra, feridas. A sauna tem uma baga com mais de 300 caroços envolvidos por paina. Quando seca, esta paina é usada na confecção de tecidos e travessieiros. "É interessante, porque estas árvores são dificilmente destruídas por pragas. Se ela for cortada, o pedaço que sobra, se recompõe com rapidez", frisa Alcides Gomes da Silva.

Outras plantas são o andaussu, muito encontrado nas floresta e serve para remédios contra lepra de cães e na fabricação de sabão; salsa jacaré, raiz branca e mãe branca, como depurativos, carquejo, utilizado na composição do vinho e para o tratamento da diabete; chapéu de couro, também depurativo e

para os rins, picó preto, para a icterícia, e outras plantas ameaçadas de extinção como a samuna, quaresmeira, caporoça, camadinhas e baunilha.

Da fauna podem ser encontrados animais como a paca, jacaré, tatu, xupati, guaxunim, sarué, gupuberba, juriti, seriquá, pote, seriquara mirim, canários e outros que, atualmente existem em pequenas quantidades. "Antes, animais assim proliferavam nas florestas", conta Honório de Oliveira Amorim.

TURISMO

Para os moradores, a Barra do Jucu deve continuar com as suas últimas matas intactas pois o local, por estar muito isolado com a falta de vias de acesso, tem características bem interessantes. Esta comunidade tem pouquíssimas fontes turísticas. Só alguns restaurantes e bares noturnos em ambientes abertos.

Eles sugerem a transformação das matas ainda existentes, Tapuera Grande e Pequena foram transformadas em fazendas e Itapera em campo de treinamento do Exército — em parques municipais com árvores naturais do trecho compreendido entre a Barra do Jucu e a ponte Waldir Zanotti. "A Imobiliária poderia conservar a mata mesmo dividindo a região para ocupação urbana. O comprador decidiria se a utilizaria como jardim ou não. Aqui nós encontramos desde as samambaias até as orquídeas", diz Honório de Oliveira Júnior.